

Marta Labraga de Mirza*

Montevidéo: uma e muitas, corpo vivido e sonhado

Estão desnaturalizando Montevidéo; estão mudando-o de tal modo que já começo a me explicar que é possível viver em outro lugar sem sofrer do coração (...). Apoderou-se um verdadeiro frenesi de mudar tudo, de tornar a vida agitada, febril, das grandes capitais, e de nos retirar aquela fisionomia clássica da cidade colonial, tão tranquila, em que se trocavam cumprimentos bocejando.
Alfredo Castellanos, *El Día*, 1906

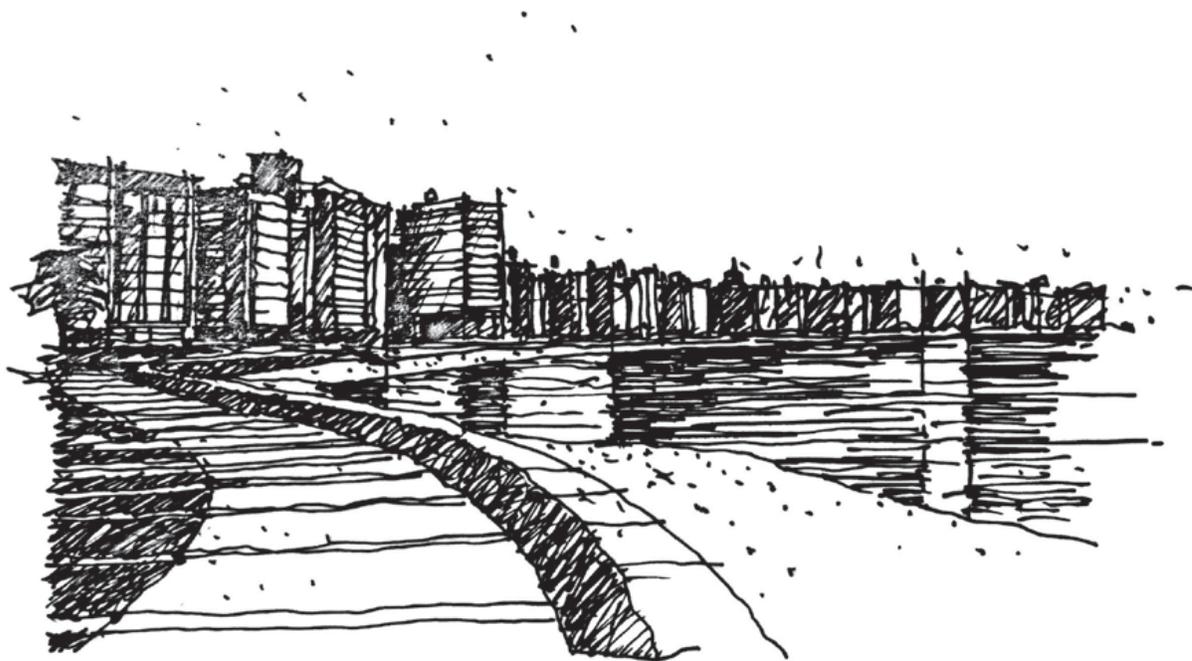
A capital não terá vida de verdade até que nossos literatos se decidam a nos dizer como e o que é Montevidéo e as pessoas que a habitam.
Juan Carlos Onetti, *Marcha*, 1939

Comecei este texto sobre a minha cidade de muitas formas e em diferentes momentos, imaginando-a plural e mutante ao longo do espaço-tempo da minha história, como entrando em uma análise, como uma novela familiar, como formas de viver um corpo que, como o da anatomia, não temos, mas sim somos. Mas também aparecem “outras” Montevidéo, vividas, sonhadas, sofridas e escritas por outros; outras letras que evoco, e com elas tento montar e desmontar minhas memórias e minhas auto-referências, meus desmentidos do paraíso infantil, na busca de pontos de partida para essa enunciação. Como nossa origem, como o mundo dos nossos pais, como tudo o que nos antecede, a experiência da nossa cidade chega a nós mediada pelas palavras e pelos relatos de outros que vão se convertendo em “nós mesmos”, desde as frases-sentença familiares até as da literatura que foi descobrindo a nós a cidade ao escrevê-la, como diz Onetti. Minha escrita é resto de outras coisas vistas e ouvidas, fragmentos, escamoteamento decidido do linear e do histórico, ou de um panorama turístico, e responde, parcialmente, a uma

das primeiras perguntas que me faço: quando soube que era “de Montevidéo”? E não flui facilmente, porque Montevidéo, como qualquer cidade, leva a uma obscura conjunção entre o eu e o nós, isso que deve ser atualizado, por sua vez, nas experiências com os outros.

Não é um saber formal, de registro civil, que constitui apenas uma beira do pertencimento a um lugar de origem, e tampouco é o conhecimento escolar que coletiviza o modelo e apaga as diferenças, senão que a tentativa é a de comunicar uma experiência íntima e renovada no tempo que mostre algo da minha cidade. Porque nos acompanha, aos montevideanos, uma às vezes exaltada e nem sempre idealizada visão de harmonia natural, a partir da sua pequenez territorial e a partir do que uma geografia privilegiada de porto natural dá, ou a partir da sua orla de 21 km sobre o Rio da Prata e de todas as suas praias, como capital de um país –tal como descreviam os textos escolares– de suaves planícies, clima ameno e apenas três milhões e pouco de habitantes, dos quais um milhão e 300 mil estão em Montevidéo.

* Asociación Psicoanalítica del Uruguay.



A escola, como a infância inteira, é um âmbito de gestação de fissuras, hiatos, lutos, escuridões, mas sobre um pano de fundo de paraísos e mitos. Um deles era geográfico com alcance social: o mito da anulação das distâncias enunciado com “em Montevideú tudo está à mão” e “nós nos conhecemos entre todos”, acompanhados do ditado popular “lugar pequeno, inferno grande”.¹ A partir das realidades do tamanho (Achugar, 1992) desenvolveram-se metáforas identificatórias que se tornaram mitos ingênuos e inconsistentes de um imaginário social que, como o mito da igualdade e da homogeneidade do que é montevideano e uruguaio, repetem-se até hoje com tudo o que possuem de falsidade; atualizações do traumático, que devem se escrever e se inscrever várias vezes. A fissura sempre veio pelo lado da pobreza, da violência e da marginalização social, e assim corre o véu de outros mitos de origem e mostra as diferenças em uma sociedade que se queria totalmente

igualitária, também com seu mito das médias.

Era também da “sua” cidade perdida que falavam meus avós imigrantes quando, em seus relatos, diziam que haviam encontrado em Montevideú uma bela cidade, no final do século XIX, como muitos dos que fizeram esse país aluvial. Calorosa e solidária com os imigrantes, com mais xenofilia do que xenofobia, sem desigualdades sociais aparentes em raças e credos, sem índios –exterminados cedo, depois da independência–, com um ambiente social de grande estabilidade e uma política civilista, no início do século XX a cidade e o país se abriram à modernidade.² As reformas sociais muito avançadas, como a lei das oito horas de trabalho ou o divórcio por conta apenas da vontade da mulher, e muitas outras mais que forjaram o Uruguai moderno, eram excessos que ameaçavam o modelo conservador, patriarcal e autoritário. A instauração de um Estado paternalista e benfeitor que atua como mediador e redistribuidor das riquezas, ao

1. Sempre recordo, apesar dos anos, o encontro quase especular com os analistas de Pelotas (Rio Grande do Sul), em um evento em Montevideú, com quem mantivemos um intercâmbio sobre o que significava analisar em uma cidade pequena e como os cruzamentos transferenciais que se produziam colocavam os analistas em xeque.

2. Presidências de José Batlle y Ordóñez: 1903-1907, 1911-1915.

lado da conquista de uma educação primária, secundária e universitária gratuita e laica que a diferenciavam do resto da América Latina, e a prosperidade econômica favorecida pelas guerras europeias, contribuíram para o crescimento de um dos mais resistentes mitos do país: o “Uruguai feliz”, que chegava ao mito da excepcionalidade. Democrático e estável, ciioso dos direitos dos cidadãos e âmbito de uma sociedade integradora (Real de Azúa, 1964), o Uruguai não pôde ver e não queria ver a decadência que se anunciava no final dos anos 50.

E o que é mais caro para as formas de subjetivação tanto individuais como coletivas: os mitos falsificadores em seu esplendor ou os traços residuais de sua queda? Porque deles fica uma representabilidade obscura e impalpável, um real com efeito imobilizador frente às transformações necessárias. O mito pode ser repressor e conservador em sua poiese de fantasias, mas é interpretativo, enquanto sua derrocada arrasta restos imaginários “soltos” que ficcionalizam fantasias repetidas que impedem a mudança e a perda imprescindível da ilusão. Essa zona difusa é a que se escuta na análise e é a que se escreve. As cidades são corpos mutantes gozosos e sofredores como os sujeitos que as habitam, e falar delas torna presentes tempos e espaços onde não se delimita a perspectiva a partir do que escreve quem as vê e se vê nelas; suas fronteiras são sempre renovadas e imprecisas. Mario Levrero inicia sua novela *La ciudad* com a desolada agudeza de Kafka:

Vejo lá longe uma cidade, é a cidade a que você se refere? É possível, mas não compreendo como você pode avistar ali uma cidade, porque eu só vejo algo a partir do que você me indicou, e nada mais do que alguns contornos imprecisos na neblina. (Levrero, 1977).

Mas a invisibilidade do que o país trazia –seu “ovo da serpente”, que explodiria na ditadura militar (1973-1985)– era denunciada em Montevideu pelo movimento operário, sindical, estudantil e de intelectuais que refletiam sobre as injustiças sociais, a violência da pobreza e a paralisação geral, comovidos profundamente, como toda a América Latina, com a Revolução Cubana. Montevideu condensava um estilo uruguaio contraditório, que opunha o “melhor você não se meter” e o resguardo da liberdade pessoal com uma vontade militante e aberta para as realidades latino-americanas e mundiais. Até a ditadura com seu regime de terrorismo de Estado e o período de convulsão social, estudantil e operária que o precedeu, especialmente desde 68, com o surgimento do movimento tupamaro e a guerrilha urbana antes impensável no Uruguai, Montevideu continuou parcialmente mitificada como uma cidade clássica e agradável, de vida “natural”. E serão a fratura da violência e do terror, e seus longos efeitos até o presente, que realizaram as transformações radicais na nossa sociedade e causaram a queda daqueles mitos. A migração anterior do campo para a cidade, que a fez crescer, porque em Montevideu estavam os centros de estudo e as fontes de trabalho, teve

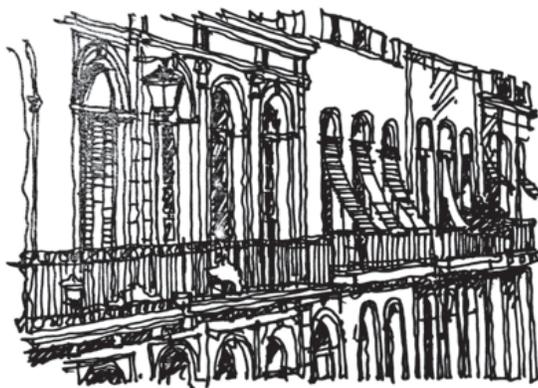


sua contrapartida no exílio de milhares de cidadãos que escapavam da perseguição. Se os imigrantes que povoaram o Uruguai eram pessoas em luto de pátrias longínquas e culturas diferentes, a partir dos anos 70 muitos uruguaios que tiveram de partir entraram em luto nostálgico pelo “paisinho” perdido e o cantaram e o construíram a partir das memórias e da distância, junto ao canto popular, como manifestação de crescente resistência.

Nosso mundo institucional analítico também foi golpeado, e muitos membros abandonaram o país ao mesmo tempo em que analistas e pensadores no *insilio*, como Daniel Gil, desenvolveram sua reflexão para tentar pensar, a partir da psicanálise, os fenômenos do terror e da tortura³ e seu impacto na estruturação subjetiva. Já em Paris, Marcelo e Maren Viñar (1993), e Edmundo Gómez Mango (2011) escreveram sua dor e se ocuparam de exilados e migrantes como Guillermo Bodner na Espanha.

Antes da queda

Na literatura, autores de estilos tão diferentes como Onetti e Benedetti haviam aberto precocemente o caminho para uma reflexão identitária montevideana, porque a cidade e suas letras chegaram a uma década de 50 atravessada também por um adormecedor *Peor es meneallo*⁴, questionado por Benedetti (1961), e que alude às dificuldades dos uruguaios para discordar e discutir; mostra um povo em que perdurava o arcaizante ditado campestre



“Ninguém é mais do que ninguém”, da história pátria, e em que todos se diziam de classe média.

Não eram perdoados o excesso ou o destaque, e a partir da onipotência que nasce da pequenez, o Uruguai era grandioso como país “baixinho” (Achugar, 1992),

e não pequeno, engrandecido pela soberba e que, além do mais, de modo terrível, tinha a utopia de recomendar o controle da desmesura e de favorecer a moderação. Depois de um esplendoroso 900, Montevideu havia ficado apagada por cantores e poetas edulcorados e idealizadores que projetaram na capital e na sua beleza agradável os atributos de um país sonhado de harmonia, como cópia muitas vezes de estilos europeus e em uma tentativa de deixar para trás, com a sensibilidade “moderna” que se abria, os anos de ferocidade de uma cultura bárbara (Barrán, 1990) brutal, escravista, de carnes e águas de esgoto jogadas pelas canaletas das ruas ainda incompletas em pleno fim do século XIX.

O paradoxo acompanhou Montevideu desde a sua fundação: é povoada com poucas famílias imigrantes trazidas das Ilhas Canárias e, ao mesmo tempo, é praça forte e lugar invejável e estratégico. Buenos Aires era a “rainha do Prata”, e Montevideu, “a vaidosa”, a “canequinha de prata” (Lautréamont, 1869/2007).⁵ Era “Bobovideu” com seus “acampamentos”, para Julio Herrera y Reissig (1875-1910), que escrevia contra os modelos burgueses e convencionais, e sonhava com a cidade no futuro, com arranha-céus e avenidas, e livre das suas rotinas conservadores e dos “preconceitos aborígenes”, a “ignorância patriótica no auge e

3. A lista de artistas exilados e de escritores é longa e pode ser encontrada na internet. Entre os analistas que tiveram de ir embora, estão Marcelo e Maren Viñar, Edmundo Gómez Mango, Guillermo Bodner, Carlos Sopena, Juan Carlos e Esperanza Plá, Luisa de Urtubey e outros. Daniel Gil escreveu *El yo herido* (Gil, 1995), *El terror y la tortura* (Gil, 1990), *El capitán por su boca muere o la piedad de Eros* (Gil, 1999), quase todos da editora Trilce, fundada e dirigida no pós-ditadura por Pablo Harari, profundamente comprometido com um grupo de analistas, historiadores e ensaístas na compreensão e na elaboração do trauma social.

4. Expressão equivalente a “deixemos como está” em português.

5. Assim definidas por Isidore Ducasse (1846-1870), que usou como pseudônimo Conde de Lautréamont (*L'autre à mont[eideo]*).

a soberba oficial” (Mazzucchelli, 2010, p. 343).

Intercalo meu olhar com o de historiadores, penso nos modos menos visíveis em que a cidade crescia, como iam se tecendo como em uma novela familiar os perfis de calma e comedimento com o desejo de protagonismo e exceção na América Latina, e com a rivalidade frente a Buenos Aires, a grande cidade.

E, ao ler Onetti, era a cidade contemporânea que aparecia narrada, como o amor ficava nu na poesia de Idea Vilariño, em uma intimidade e solidão permitidas pelo urbano. Seus personagens já não são mais universais, seres mergulhados na melancolia, devastados pela vida e pelo desencanto dos homens e das guerras, cansados da moderação e da puerilidade da família burguesa, que mostram as raízes do sexo e a degradação dos laços eróticos. Esse tempo cinza que domina seus relatos, em que o familiar se cruza com o político e econômico, com nomes tão significativos como *O poço* (Onetti, 1939), *Terra de ninguém* (Onetti, 1941) ou *Tão triste como ela* (Onetti, 1976), tem seu apogeu justamente na criação de uma cidade sonhada e mítica: Santa Maria, na contraluz da real Montevideú, metáfora ambígua da imobilidade e das repressões conservadoras. Com Felisberto Hernández (1902-1964) a literatura uruguaia se abria para o trabalho do sonho e da fantasia em um jogo metafórico e muito surrealista, apesar de seu âmbito ser montevideano (Hernández, 1949, 1955). E com Carlos Maggi (1922-2015), criador central da Geração de 45⁶, aparecem os efeitos alegóricos da sua dramaturgia, como em *El patio de la torcaza* (Maggi, 1967). Todos constroem outra Montevideú com influências de escritores do século XX, que eram seus contemporâneos.

Psicanalisar em Montevideú

O acaso editorial fez com que este texto fosse incluído neste volume, “Margens”, mas Montevideú é justamente a capital de um país que esteve muito tempo à margem, ao ponto de

que, geopoliticamente, falava-se de Uruguai como Estado “tampão”, com seus três milhões de habitantes, entre os colossos Argentina e Brasil, e com um nascimento provocado por interesses que marcarão sua história. O crescimento de Montevideú, tão aberta ao que era europeu e com o olhar em Buenos Aires, sempre esteve pautado pelo conflito entre o que se movia e o que estava parado, o cosmopolita e o provinciano, entre uma pólis culta e pensante, e, ao mesmo tempo, conservadora, e uma intelectualidade de desenvolvimentos culturais, militante em uma busca permanente de justificação e de autoafirmação de formas da sua identidade. Todos esses aspectos explicam parcialmente por que aqui a psicanálise se desenvolveu de forma tão estável. As tensões da ilusão, do ideal e as formas cruas do mal-estar na cultura encontram na análise um modo de escutar seus efeitos inconscientes, e todo o Rio da Prata necessitava disso. Hoje Montevideú é uma das duas cidades do mundo com maior concentração de analistas em relação à quantidade de habitantes. A outra é Buenos Aires. Há 60 anos, era fundada em Montevideú a Asociación Psicoanalítica del Uruguay (APU) como filial única da Associação Psicanalítica Internacional até hoje. De Buenos Aires chegaram a Montevideú os Baranger (Willy e Madeleine) para analisar, supervisionar e ministrar seminários para um mundo de médicos, professores e mestres ávidos por serem escutados psicanaliticamente e ávidos para transformar a clínica psiquiátrica daquele momento. Formados em Paris e em Buenos Aires, no pensamento de Freud e de Klein, aprofundaram em Montevideú a leitura de Lacan e a concepção da psicanálise como “artesanato”, fundada em um pluralismo teórico que foi de grande influência até os nossos dias. Posteriormente, em 1972, os seminários de Serge Leclair ministrados na APU, a partir do seu pensamento de discípulo e leitor crítico de Lacan, produziram transformações no posicionamento analítico de várias gerações. E a partir daí até o presente, a abertura para diferentes linhas

6. A Geração de 45, que Ángel Rama chamou de Geração Crítica, teve grandes escritores que foram também jornalistas e ensaístas, referências até o presente. Durante uma década, pelo menos, esse peso anterior foi obstáculo para quem veio depois, mas a criação literária no Uruguai não deixou de crescer, especialmente a partir dos anos 90, com uma dramaturgia emergente, poetas e narradores excelentes, e crescimento do público.



teóricas do Rio da Prata e da Europa (visitas de analistas convidados ou intercâmbio com analistas de grupos lacanianos) foi dando um desenvolvimento montevideano à psicanálise. Ele se abriu nas últimas décadas para além das próprias instituições que oferecem uma formação estabelecida de acordo com “standards” internacionais, e alcançou também os âmbitos universitários. A nossa história não é de cisões nem de grupos confrontados com fervor, mas sim de convivências discutidas e discutíveis. Apesar de o questionamento sobre as formas em que se pode escolarizar e normatizar a transmissão nas instituições ser realizado com força por parte de cada nova geração, também os modelos retornam e sufocam as mudanças. Coexistem diferenças teóricas na concepção da análise: as neurociências com seu posicionamento empirista de investigação e as vertentes artísticas das letras e das ciências sociais. A partir da nossa cultura da moderação, os âmbitos medicalizados da psicanálise convivem com os que privilegiam a fronteira com as criações literárias e artísticas. Mas também o intercâmbio social aumenta com

o trabalho de psicanalistas em hospitais, e o atendimento profissional em policlínicas de zonas carentes (onde a extensão do delito e da violência requer psicólogos e psiquiatras de formação psicanalítica) se multiplicou.

O nascimento e o desenvolvimento da psicanálise é urbano, familiar, tem algo de doméstico, e todos evocamos a casa de Freud, Berggasse 19, em Viena, ou a de Lacan, Lille 5, em Paris. E no Rio da Prata, em Montevidéu, mas também em Buenos Aires ou em Córdoba, as filiações, o familiar, o profissional e alguns aspectos de trajetórias pessoais dos analistas são mais ou menos conhecidos; suas opiniões são difundidas em entrevistas de semanários e revistas, e o que chamamos de o “mundo psi” consulta e lê; comenta: não há dúvida de que somos todos conhecidos. Não há uma “Vila Freud” como em Buenos Aires, mas a maioria dos consultórios está nos bairros de Pocitos, Punta Carretas e Parque Rodó, que são zonas de parques e próximas da orla. Também –como toda a Montevidéu– têm muitos cafés, e o vagar dos analisandos depois das sessões, com esse desejo de não abandonar totalmente algo do

mundo onírico, termina muitas vezes em um deles. E, ao mencionar esses percursos, os torno metafóricos do analítico, transformador e itinerante, a partir do privado e do secreto.

Em Montevidéu, os cafés e bares formam outro perfil característico da cidade, desde os 900, passando pelo mítico Sorocabana que fechou há alguns anos e reuniu durante décadas poetas e escritores –ou aqueles que queriam ou sonhavam em sê-lo– em suas mesas de mármore e poltronas de couro. Dos vidros das suas janelas, era possível ver uma imagem característica de Montevidéu, no km 0 da cidade: a Plaza de Cagancha e a Estatua de la Paz, os edifícios *art déco* com altas e elegantes torrezinhas e minaretes, a perspectiva da avenida 18 de Julio e, ao fundo, o emblemático Palácio Salvo.

Hoje

No presente, Montevidéu, vista em relação a outras cidades da América Latina e a seus ritmos e violências, pode ser para um analista uma cidade ideal, fácil de percorrer e aparentemente sem obstáculos em uma geografia agradável. No entanto, é quase outro mito o da cidade do “tudo perto”, porque ela se estendeu consideravelmente e o número de carros se multiplicou. Mesmo assim, podemos medir nossos tempos de trabalho e locomoção sem surpresas, e suas ruas são muito “transitáveis”. Mas isso que era tão comum anos atrás se tornou algo relativo, porque o que se destruiu foi a tranquilidade: a cidade se tornou insegura e latino-americana, com violências e fragmentação dos seus bairros. Apesar de que, por seu tamanho geográfico e social, permita ainda algo desse ritmo diferente, Montevidéu hoje foi alcançada também pelo que Marc Augé chamava de “a escala planetária” de qualquer acontecimento: essa mudança de escala que provoca em todas as sociedades um mal-estar generalizado frente ao desenvolvimento da globalização (Febbro, 2011). E, assim, hoje é uma cidade que também se torna alheia a nós dia a dia. Durante a ditadura, a cidade se descharacterizou por conta da arrasadora forma,

que teve o regime⁷, de destruir construções e de edificar aberrações. E, no presente, é a segregação da marginalidade e do delito que cria bairros inteiros que não conhecemos.

Se o urbanismo foi naquele tempo tão demolido, ao final dos anos obscuros as reconstruções foram feitas vertiginosamente e de forma desordenada, de acordo com uma mistura de novas concepções e das leis do mercado e do consumo. E isso trouxe mudanças, cor e shoppings, mas também divisão e exclusão. A cidade deixou de ser um corpo mais ou menos conhecido e articulado entre suas diferentes partes. Hoje há regiões inteiras que desconhecemos, como um corpo fragmentado do qual sempre alucinamos sobre o membro amputado. Esses são também os “fios cortados” da cidade (Alemán, 2012), ao lado dos “espaços da memória” (Aínsa, 2008) que constituem os lugares e paisagens da cultura uruguaia e montevideana. Só a multidisciplinaridade abarca os modos em que aquela “canequinha de prata” se converteu, primeiro –por um longo tempo–, em severa e cinza, e, no presente, em um mundo fragmentado e parcelado, com belos lugares em bairros elegantes, avenidas e restaurações com bom design, e outras zonas profundamente empobrecidas.

Mas o que é “ser” de Montevidéu? Falo de mudanças a partir da continuidade da minha vida aqui, e a permanência faz com que surjam cenas de uma geografia mutante, tempos tranquilos e outros muito ameaçadores. Conheci muitos bairros enquanto ensinava literatura em colégios distantes, e com as transferências já abertas, ao estudar Freud e Klein em grupos de estudo coordenados por analistas argentinos, ou em grupos do Hospital Vilardebó ou do Hospital das Clínicas, já que a Faculdade de Psicologia estava fechada, ao ser considerada perigosa fonte de subversão em uma universidade sob intervenção.

Vem à minha memória uma cena do final da infância, em férias, em outro lugar –onde havia nascido meu pai; “fora”, como se diz do que não é a capital, quando ainda não sabia o que era “ser de Montevidéu”. Isso que conheci a partir do corpo infantil e adolescente em

7. Por meio de decretos movidos por interesses econômicos, os militares desvincularam do uso estatal, em 1979, propriedades que eram patrimônio nacional e demoliram um sem-número de edifícios públicos.

jogo, com a sensualidade de caminhar pelo “interior” do país, brincando com primos e desabrochando uma sedução precoce desperdada por esse sol de campo e pela distancia da “cidade”. De repente, os amigos do lugar perguntam aos meus primos, olhando-me de outra maneira: “Sua prima é de Montevideú?”. “Ser da capital” significava ser diferente e mais bonita do que as garotas locais? O afeto imediato foi o mistério de uma alegria vergonhosa, e a partir dela teria muito caminho a percorrer. Assim, minhas lembranças encobridoras me dizem que, ao voltar desses dias, olhei de outra forma meu quarteirão, meu bairro, minha escola em seu último ano. A partir dali, corpo representado, afetos e fantasmas se desdobravam juntos e faziam com que sentisse uma Montevideú diferente. E até este presente penso sempre a partir de “outra cidade” que também sou eu em outro tempo, não por comparação com outras, mas sim por esse jogo de aproximações e distâncias, e de olhares de outros, porque dizer algo de Montevideú é reconhecê-la, é a descoberta de um reencontro. Memórias desses “momentos mágicos de liberdade ilusória” (Žižek, 2004/2006), como os que acontecem na análise, onde de um ponto mínimo se abre algo inabarcável, sem fronteiras precisas, mas que as cria e faz com que experimentemos uma ubiquidade de sonho.

Referências

- Achugar, H. (1992). *La balsa de la Medusa. Ensayos sobre identidad, cultura y fin de siglo en Uruguay*. Montevideú: Trilce.
- Aínsa, F. (2008). *Espacios de la memoria*. Montevideú: Trilce.
- Alemán, L. (2012). *Hilos rotos. Ideas de ciudad en el Uruguay del siglo veinte*. Montevideú: Hum.
- Barrán, J. P. (1990). *Historia de la sensibilidad en el Uruguay*. Montevideú: Banda Oriental.
- Benedetti, M. (1961). *Mejor es meneallo*. Montevideú: Alfa.
- Castellanos, A. (1998). La belle époque montevideana. In G. Gautreau (Ed.), *Montevideo antiguo a través de sus tarjetas postales*. Montevideú: Trilce. (Trabalho original publicado em 1906).
- Febbro, E. (2011). “Para que hoy una revolución tenga lugar, debería situarse a escala planetaria”. Entrevista com Marc Augé. *Página 12*. Recuperado de <http://www.pagina12.com.ar/diario/dialogos/21-181684-2011-11-21.html>
- Gil, D. (1990). *El terror y la tortura*. Montevideú: Eppal.
- Gil, D. (1995). *El yo herido*. Montevideú: Trilce.
- Gil, D. (1999). *El capitán por su boca muere o la piedad de Eros*. Montevideú: Trilce.

- Gómez Mango, E. (2011). *Crónicas de la amistad y el exilio*. Montevideú: Banda Oriental.
- Hernández, F. (1949). Las Hortensias. *Escritura*, 8, 56-100.
- Hernández, F. (1955). Explicación falsa de mis cuentos. *La Licorne*, 5-6, 970-998.
- Lautréamont, C. de. (2007). *Los cantos de Maldoror*. Barcelona: Belacqua. (Trabalho original publicado em 1869)
- Levrero, M. (1977). *La ciudad*. Buenos Aires: Entropía.
- Maggi, C. (s.d.). *El patio de la torcaza*. Recuperado de <http://www.dramaturgiauruguay.gub.uy/obras/el-patio-de-la-torcaza/> (Trabalho original publicado em 1967)
- Mazzucchelli, A. (2010). *La mejor de las fieras humanas*. Montevideú: Santillana.
- Onetti, J. C. (1939). *El pozo*. Montevideú: Signo.
- Onetti, J. C. (1941). *Tierra de nadie*. Buenos Aires: Losada.
- Onetti, J. C. (1976). *Tan triste como ella*. Barcelona: Lumen.
- Onetti, J. C. (2013). *Obras completas* (Vol. 10, p. 28). Barcelona: Galaxia Gutenberg. (Trabalho original publicado em 1939)
- Real de Azúa, C. (1964). *El impulso y su freno*. Montevideú: Banda Oriental.
- Viñar, M., & Viñar, M. (1993). *Fracturas de memoria*. Montevideú: Trilce.
- Žižek, S. (2006). *Órganos sin cuerpo*. València: Pre-Textos. (Trabalho original publicado em 2004)

